

## NOTAS SOBRE A EXPANSÃO URBANA EM CAMPINAS DURANTE O SEGUNDO REINADO

Duílio BATTISTONI FILHO

Até meados do século passado, Campinas apresentava um quadro urbano extremamente pobre, acanhado, semelhante aos tempos coloniais, circunscrito a três ruas: a de Cima (Barão de Jaguará), a do Meio (Dr. Quirino) e a de Baixo (Lusitana).

A pobreza de sua área central, de um lado, e o interesse de latifundiários em aplicar recursos no mundo rural açucareiro, de outro, não favoreciam o aparecimento de construções mais importantes.

Com o surto açucareiro na primeira metade do século XIX, as ruas eram atravancadas por uma intensa movimentação de tropas de burro. A própria Câmara Municipal interessada em diminuir o trânsito de pedestres e animais de montaria, traçara ruas estreitas, apesar da povoação ter sido planejada com maestria por Barreto Leme.

Ao visitar Campinas, em 1819, Saint-Hilaire, botânico francês, notou que as ruas não eram largas<sup>1</sup>, sem qualquer sentido de planejamento, especialmente na sua parte central. As casas eram enfileiradas sobre o alinhamento e sobre os limites laterais dos terrenos, formando superfícies contínuas. Obviamente a escala da época era outra e outros eram os costumes, os quais dispensavam maiores amplitudes.

As casas rurais existentes, desde os tempos da fundação (1774), como as posteriores, construídas com o dinheiro do açúcar, apresentavam uma perfeita distinção de funções, principalmente aquelas pertencentes à recepção de hóspedes e os serviços domésticos femininos. A reclusão moura das mulheres foi um hábito português que perdurou em Campinas até o final do Império, principalmente entre aquelas desprovidas de alguma linhagem.

---

(1) SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, província Cisplatina e Missões do Paraguay (tradução, prefácio e notas de Rubens Borba de Morais), São Paulo, Martins, Ed. da universidade de S. Paulo, 1972, p. 131.

Nos alpendres ou nas salas da frente, o dono da casa recebia seus hóspedes, tratava de negócios e assistia à missa celebrada na capela ou oratório, juntamente com sua família e alguns agregados.

O engenho era a sede habitual da família, pois somente com o advento do café é que serão construídos os palacetes na cidade. Todos os acontecimentos giravam em torno do mundo rural, fossem eles, políticos, sociais ou econômicos.

Nesta época não havia condições de desenvolvimento urbano. A arquitetura citadina era pobre, as casas construídas de uma forma bastante rudimentar continuavam ainda de taipá. Os inventários mostram a pobreza destas moradias, despojadas de todo e qualquer conforto, sem quadros e enfeites, somente com um e outro cabide espetado na taipa para amparar a espingarda ou a pendurar um poncho ou chapéu de palha de abas largas. Pouquíssimos móveis e algumas caixas para guardar roupas. Pode-se não acreditar, mas muito proprietário abastado morreu sem ter uma mesa sequer em sua casa.

Notamos a tendência da população em construir suas casas especialmente em lugar mais seco e alto da margem esquerda do córrego Tanquinho, a partir das três ruas principais já citadas, tendo comunicação com os terrenos onde estava sendo construída a Matriz Nova.

O povoado começa a se expandir tomando a direção norte, em torno das ruas Formosa (Conceição), a do Pórtico (Ferreira Penteado) e a rua São José (13 de maio).

Com o desenvolvimento da cultura cafeeira a partir da segunda metade dos oitocentos, a paisagem urbana campineira iria se modificar graças aos transportes fáceis, às estradas boas para o escoamento das safras, antes mesmo da instalação das ferrovias, o fazendeiro de café já começa a construir sua moradia na cidade. E assim Campinas dá os primeiros sinais de um desenvolvimento urbano.

O interesse dos novos barões do café em ter na cidade faustosas residências, atraiu os mestres carapinas, engenheiros práticos capazes de grandes construções, como atestam os numerosos sobradões neoclássicos, alguns ainda existentes.

A taipa, marca registrada da arquitetura campineira, aos poucos deixa de ser usada, quando em 1867, foi instalada a Olaria de Sampaio Peixoto, com máquinas de fazer tijolos de toda natureza, inclusive furados<sup>2</sup>.

---

(2) LISBOA, José Maria. Almanak de Campinas para 1872. Typographia Gazeta, Campinas, 1873, p. 144.

Em 1875 mereceu a honra da visita do imperador D. Pedro II, o qual permitiu que se colocasse em alto-relevo, o imperial emblema em seus tijolos. O estabelecimento de Sampaio Peixoto exerceu uma influência enorme, pois modificaria as novas construções que iam surgindo na cidade. Com o tijolo, novos programas de habitação, novas fechadas, novas soluções de composição, em que os vazios das janelas passam a predominar sobre os cheios. Casas mais abertas, mais ensolaradas. A residência de Francisco de Paula Bueno, em 1867, foi a primeira residência a empregar o tijolo<sup>3</sup>.

Com a inauguração do Clube Campineiro de Cultura Artística em 1857, a sociedade campineira se empolga com um alto índice de refinamento, quando os recitais artísticos passam a dominar esta mesma elite. A vida social era tão intensa que chamava a atenção dos visitantes, especialmente do Visconde de Taunay, quando de sua passagem pela cidade, em 1865. Esta mesma sociedade seria beneficiada com a fundação do Colégio Culto à Ciência, em 1874, quando o campineiro pôde desfrutar de um ensino altamente qualificável e modelar em toda a região.

Com a inauguração da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1872, a cidade passa por grandes transformações. As comunicações com a capital foram facilitadas; o comércio foi favorecido, especialmente o de construção, com a abertura de casas especializadas com variado estoque de artigos para as mais diversas aplicações.

Com a construção da Estação, Oficinas e Garagens da Companhia Paulista, toda a área pôde se desenvolver. Assim, a rua São José (13 de maio) torna-se uma via de comunicação com o centro da cidade. Nela começam a proliferar casas comerciais, hotéis e depósitos de café, prontos para o embarque imediato. Daí uma grande movimentação de mercadorias e pessoas, concorrendo também para que outras áreas fôssem logo divididas em ruas que receberiam nomes dos principais organizadores da Companhia como, Saldanha Marinho, Visconde de Parnaíba e Senador Saraiva.

Os bairros da Vila Industrial e Guanabara tiveram a sua origem com a instalação das oficinas das Companhias Paulista e Mogiana, respectivamente. Todo o operariado de reparação e consertos, procurava residir em suas imediações. A própria Prefeitura Municipal muito colaborou na formação desses bairros ao proceder o seu arruamento.

Contava a cidade neste momento com seis ruas paralelas, no sentido leste-oeste, sendo que na linha norte-sul, as travessas cortavam aquelas, em número de nove.

---

(3) MELLO PUPO, Celso Maria de. Campinas, seu berço e juventude. Publicação da Academia Campinense de Letras, nº 20, 1969, p. 190.

Como conseqüência da expansão urbana, principalmente na década de oitenta do século passado, a cidade passa a possuir áreas funcionais mais ou menos difundidas. O velho centro caracteriza-se como zona comercial, sobretudo de comércio varejista, onde despontam a rua Barão de Jaguará, com suas lojas de tecidos e armarinhos e as ruas Luzitana e Dr. Quirino, com suas casas de secos e molhados, ao mesmo tempo que o comércio atacadista passa a instalar-se principalmente na rua Dr. Costa Aguiar. Fora daí o comércio se desenvolve nos bairros, em determinadas ruas, constituindo-se em pequenos núcleos bem caracterizados.

À medida que os alugueres subiam na zona central, reduto também das famílias tradicionais, a população branca e pobre afasta-se do centro e busca as regiões periféricas. Novos bairros vão ser assim formados como o Bonfim, Ponte Preta e Cambuf, sendo que os dois primeiros vão se industrializar enormemente. Mais para o fim do século, para espanto geral de todos, avenidas vão ser abertas, desafogando o tráfego, com suas ruas largas. São os casos da Barão de Itapura e da Andrade Neves.

Com a crescente urbanização e o grande progresso econômico da região, começam a aparecer as filiais de diversas casas bancárias, muitas delas de importância e confiança inabaláveis. Assim, a primeira casa instalada foi a do Banco Colonial de São Paulo, fundado em 1871, na rua Barão de Jaguará, quando o Município alcança um progresso invejável, amealhado com capitais e lucros advindos do café.

O período de 1872 a 1889 é bastante significativo como indicador do progresso econômico da região. Basta dizer que os bancos proliferam, como o Mercantil de Santos, em 1873, o London and Brazilian Bank, também deste mesmo ano e, em 1883 aparecem os Bancos Comércio e Indústria, União de São Paulo e o de Lavradores. Todos eles têm funções regionais e servem todo o interior de São Paulo, parte de Mato Grosso e o sul de Minas Gerais<sup>4</sup>.

Outro evento muito significativo para a cidade foi a Exposição regional de Produtos Agrícolas e Industriais, em 1885, quando Campinas mostrou a força de seus 579 estabelecimentos comerciais devidamente registrados.

Para o desenvolvimento deste comércio muito contribuiu a força do braço imigrante. Muitos deles, primeiramente, estavam estabelecidos no campo. Todavia, aos poucos começam a abandoná-lo, por ver no trabalho rural muita humilhação, em um país onde ainda predominava o trabalho

(4) BERGÓ, Maria Estela de Abreu. Estudo geográfico da Cidade de Campinas. Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, vol. III, 1952, p. 691.

servil. O abandono dos cafezais faz com que surja uma nova classe, a dos artesãos, que futuramente engrossaria as fileiras da classe operária.

Os jornais da época comprovam a existência de um grande número de casas comerciais de propriedade ou, pelo menos de nomes franceses, portugueses, alemães e italianos. Dentre eles, chama-nos a atenção, a liderança da Casa Genoud, tradicional estabelecimento fundado pelo francês, Alfred Genoud, em 1876, que congregou o mundo elegante da época durante mais de sessenta anos, pela sua diversidade de departamentos que abrangia desde brinquedos, papelaria, livros, instrumentos musicais, tipografia, perfumaria até a importação de toda sorte de produtos sofisticados como vasos, porcelanas, pentes, vinhos e champanhe. Também neste mesmo ano era inaugurada a Casa Livro Azul com variado estoque de produtos, os mais diversos, de propriedade de Castro Mendes.

Com relação aos transportes urbanos, devemos considerar que a partir do final da década de sessenta, começam a aparecer as primeiras viaturas puxadas por cavalos de influência americana. Quando os sulistas americanos se estabeleceram em Santa Bárbara e Americana nesta ocasião, introduzem o trólei, veículo de quatro rodas e o cabriolé, de duas.

No Almanaque de Campinas para 1872 verificamos anúncios das diligências Casés e Melo que partiam do Hotel do Comércio, na rua Direita, em demanda de Jundiá e cidades vizinhas. Com a inauguração do Correio Postal, em 1867, entre Campinas e São Paulo, toda a correspondência diária era entregue por estes veículos. Os tálburis também se destacavam como transporte de um só passageiro ou para serem alugados.

Nesta mesma ocasião a cidade não dispunha de água encanada e a população abastecia-se em fontes públicas como as do Bairro Alto (Jardim do Pará) ou nos largos do Teatro São Carlos, da Estação, do Rosário e Santa Cruz. Mais tarde estes velhos chafarizes vão ser substituídos com a fundação, em 1887, da Companhia Campineira de Águas e Esgotos.

Em 1875 era inaugurada a iluminação a gás e em 1911, transforma-se na Companhia de Tração, Luz e Força. Em 1879 eram implantados os Carris, apelidados de bondes, movimentados por tração animal e que em 1912 passaram a ser movidos por eletricidade. Os Carris de ferro, porém, não atendiam a todos os pontos da cidade. Primeiramente seus trilhos partiam do largo do Rosário e estendiam-se para a Estação da Paulista, para o Gasômetro e para o Jardim Público<sup>5</sup>.

Infelizmente, Campinas em 1889 sofreria um duro golpe com a epidemia da febre amarela que obrigou muitas famílias a se refugiar para outras cidade, retardando, assim, o seu desenvolvimento econômico, para retomá-lo muito mais tarde, na segunda metade deste século.

(5) AMARAL, Leopoldo. Almanaque de Campinas, para 1900, p. 262.